



Cadernos NAUI

Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural

Dossiê: Patrimônio local e global em tempos de pandemia

V 11 | n 21 | jul-dez 2022

Entre pensar e viver a cidade: apontamentos etnográficos sobre a Lapa/RJ em suas pandemias de Covid-19

Diego Pontes



Edição eletrônica

URL: [NAUI – Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural \(ufsc.br\)](https://nauui.ufsc.br)

ISSN: 2558 - 2448

Organização

Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC

Referência Bibliográfica

PONTES Diego. Entre pensar e viver a cidade: apontamentos etnográficos sobre a Lapa/RJ em suas pandemias de Covid-19. Cadernos Naui: Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural, Florianópolis, v. 11, n. 21, p. 49-65, jul-dez 2022. Semestral.

© NAUI

Entre pensar e viver a cidade: apontamentos etnográficos sobre a Lapa/RJ em suas pandemias de Covid- 19

Diego Pontes¹

Resumo

O presente trabalho busca trazer apontamentos acerca das transformações desencadeadas pela pandemia de Covid-19 nos usos da Lapa, tradicional bairro localizado no centro da cidade do Rio de Janeiro, Brasil. Para tanto, trago algumas elucidaciones a partir do trabalho de campo e das mudanças na rota da pesquisa sobre a região investigada. Ainda no período pandêmico, com seus impactos sobre a cidade de formas indubitavelmente desiguais, de alguma maneira percebe-se que a Lapa permaneceu viva enquanto uma referência ambivalente patrimonial na cultura urbana carioca.

Palavras-chave: Lapa; pandemia; cidade.

Abstract

This paper seeks to bring notes about the transformations triggered by the Covid-19 pandemic in the uses of Lapa, a traditional neighborhood located in the center of Rio de Janeiro, Brazil. For that, I bring some elucidations from the fieldwork and the changes in the research route that about the investigated region. Even in the pandemic period, with its impacts on the city in undoubtedly unequal ways, in some way, it is clear that Lapa remained alive as a heritage ambivalent reference in Rio's urban culture.

Keywords: Lapa; pandemic; city.

¹ Doutorando em Arquitetura e Urbanismo pelo PósARQ/UFSC e professor substituto do Instituto Federal Fluminense – IFF. E-mail: diegopontez@gmail.com.

Notas iniciais

Este trabalho busca trazer apontamentos acerca das transformações desencadeadas pela pandemia de Covid-19 nos usos da Lapa, tradicional bairro localizado no centro da cidade do Rio de Janeiro, Brasil. Para tanto, trago algumas elucidações a partir do trabalho de campo e das mudanças na rota da pesquisa sobre a região supracitada. Ainda no período pandêmico, em seus impactos sobre a cidade de formas indubitavelmente desiguais, de alguma maneira e paradoxalmente a Lapa permaneceu viva enquanto uma referência patrimonial na cultura urbana carioca.

Durante o contexto da pandemia no qual estamos inseridos, ao longo dos anos de 2020 e 2021, algumas emblemáticas transformações nos ritmos das cidades ao redor do mundo puderam, em diferentes tons e escalas, ser nitidamente observadas, ainda que a percepção com relação ao vírus e as políticas voltadas à sua contenção denotem sentidos ambivalentes e desiguais (SEGATA, 2021). No contexto da pesquisa, termos como isolamento e distanciamento social, flexibilização, quarentena e *lockdown* foram amplamente difundidos e passaram a fazer parte de um cotidiano atingido e percebido de maneiras distintas. As alterações nas dinâmicas urbanas e nas formas de vivenciarmos e apreendermos a cidade, consequentemente, atravessaram minha pesquisa de doutorado em curso, fazendo, portanto, que a forma de abordagem utilizada tomasse outros rumos e recortes, adaptando-se às novas realidades dos espaços urbanos e às formas de vivenciá-los.

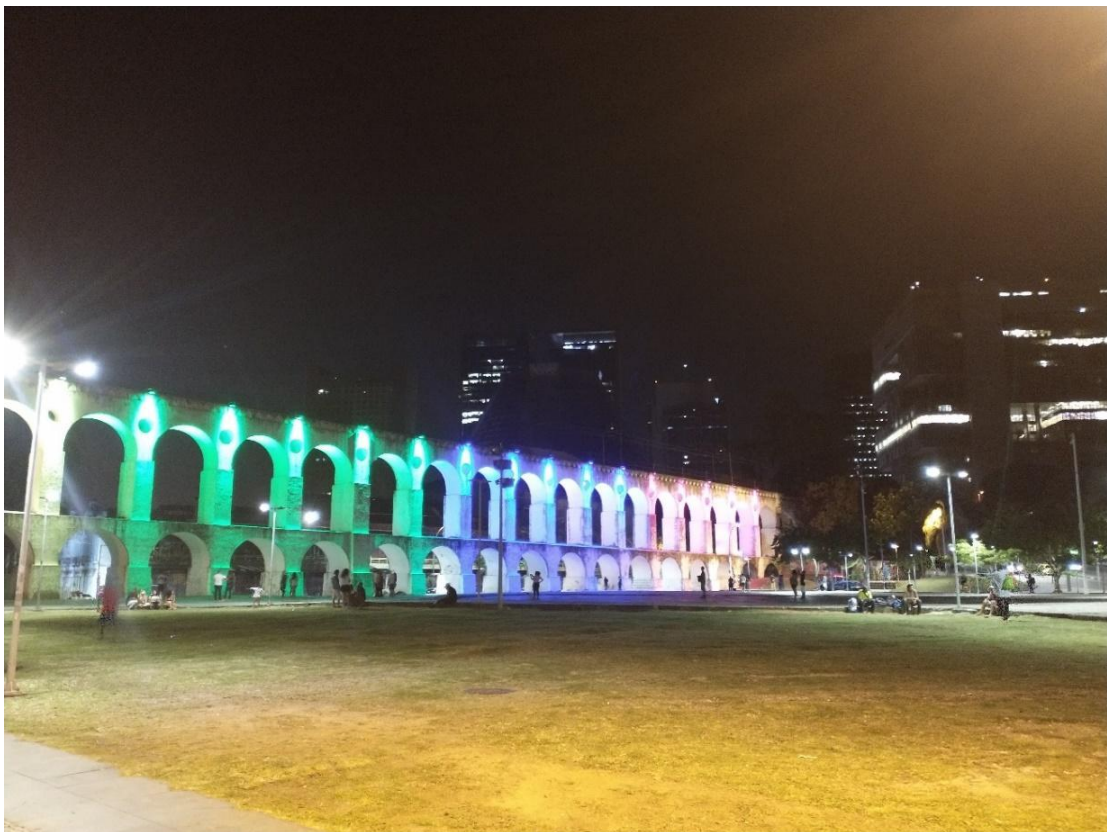
Ao longo do cotidiano da pandemia na Lapa, foi possível, de imediato, observar a expressiva diminuição da circulação de pessoas, prédios inteiramente esvaziados, e a enorme quantidade de estabelecimentos que fecharam as portas e encerraram suas atividades por todas as adjacências da região central do Rio. Além disso, ainda na atmosfera da pandemia, como desdobramentos específicos relativos aos usos e transformações da cidade, considero para este artigo questões relacionadas ao consumo urbano por meio de apontamentos que perpassam um diálogo estabelecido entre a antropologia e o patrimônio enquanto lugar da memória coletiva e de referências plurais (GONÇALVES, 2015; CASTELLS, 2014; 2012).

Por essa direção e olhar etnográfico, aponto pistas a partir de fragmentos das marcas que se tornaram visíveis e que vivenciei durante a pandemia de Covid-19 no bairro da Lapa. Desse modo, as reflexões aqui encontradas têm por meta lançar luz sobre uma região composta por *terrenos arqueológicos* que abrigam camadas de histórias e distintas formas de usos e práticas

do espaço, onde, na atualidade, as dinâmicas do turismo e dos referenciais patrimoniais tonalizam a ginga de seus movimentos e fluxos (PONTES, 2021).

Pretende-se, com isso, trazer à tona as dinâmicas das transformações desencadeadas pela pandemia que tiveram impacto nas articulações relacionadas ao mercado do turismo e aos referenciais de usos do patrimônio. Dessa realidade, que incide diretamente sobre a vida ordinária do espaço vivido do bairro, como foi observado em campo e relatado nas entrevistas com meus interlocutores, emergem pontos que serão aqui elaborados. Essas dinâmicas envolvem, além das questões específicas ao debate sobre cidade e pandemia, mas também a abertura de uma reflexão, construída em tempos pandêmicos, acerca das reinvenções sobre a vida urbana em suas múltiplas interações, estratégias, táticas e astúcias cotidianas (CERTEAU, 2014).

Figura 1: Arcos da Lapa.



Fonte: Acervo pessoal, 2021.

Pesquisando na pandemia

A ideia inicial da pesquisa, de partir da atenção ao cotidiano do turismo e do processo de gentrificação na Lapa, foi intercruzada por um cenário que se impôs, transformando substancialmente a cidade como um todo e, conseqüentemente, as formas de vivenciá-la e ocupá-la. Em uma pesquisa urbana em meio à pandemia de Covid-19, quais narrativas tornavam-se então possíveis a partir do período de isolamento social e quarentenas por mim vivenciados? Quais impactos e transformações puderam ser observados nas dinâmicas urbanas do cotidiano no bairro da Lapa? Quais marcas tornaram-se visíveis sobre o espaço em questão? Essas foram algumas indagações que passaram a redirecionar os caminhos para apreensão do espaço sobre o qual vinha debruçando meu olhar.

Abre-se, por meio dessas questões, a possibilidade de um olhar voltado a fragmentos do cotidiano e aos usuários de um espaço que traz em suas camadas memórias sobrepostas de outras transformações que se encontram com a pandemia. Por essa via, considero, portanto, o cenário atual da Lapa, em suas multiplicidades e contradições, características elementares da experiência urbana metropolitana contemporânea. Destaco, com isso, um caminho que vai ao encontro do debate que sugere o quanto as políticas voltadas à orientação das transformações urbanas e, no contexto da pandemia, à contenção da circulação do coronavírus, e como estas transformações afetam diretamente as dinâmicas que tecem o cotidiano. Dessa maneira, aponto para a possibilidade de um olhar voltado a ambivalentes representações e significados atribuídos à pandemia, ao espaço urbano e aos diversos modos de experimentá-lo.

Pontualmente, no que diz respeito às transformações derivadas pelo impacto da pandemia em diferentes cidades metropolitanas brasileiras como São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre, alguns estudos trazem apontamentos gerais por meio de diferentes abordagens teóricas e metodológicas. Reflexões que destacam questões relativas, por exemplo, às mudanças nos usos da cidade, aos impactos nas dinâmicas do turismo, às desigualdades e redes de solidariedade que se tornaram notáveis com o avançar da pandemia, foram desenvolvidas por meio de distintos olhares construídos quase de imediato ao início da circulação do vírus (FLEURY, MENEZES, 2020; SPERANZA, 2020; BEIGUELMAN, 2020).

Mesmo com o comércio fechado via decreto² e a indicação de esvaziamento e distanciamento social por parte da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro, com a circulação do coronavírus no espaço urbano da Lapa algumas caminhadas estratégicas foram realizadas e entrevistas *online* conectaram novas percepções. Moradores e ex-moradores enquadrados em uma tela via *Meet* e passos solitários distantes de encontros físicos e aglomerações indicavam a necessidade de outros atalhos e caminhos analíticos. Seja por meio da observação do movimento das ruas do alto da janela, ou mesmo vivenciando o bairro enquanto morador, novas questões surgiram e reposicionaram o olhar e os rumos da pesquisa.

Dessa forma, a ideia de pensar também “a Lapa *online*” se coloca, em um primeiro momento, como a tentativa de construção de um caminho alternativo para continuar “em campo” e vivendo outras dimensões do bairro. Foi a partir de cursos remotos³ sobre *etnografia nas redes e em contextos digitais*, que participei durante o primeiro ano da pandemia, quando pertinentes contribuições para o andamento da pesquisa puderam ser incorporadas durante um percurso em aberto. O que antes fora pensado enquanto um atalho ou mesmo uma alternativa me trouxe indagações em que as próprias ideias preconcebidas de “real” e “virtual” foram colocadas em questão, assim como algumas outras noções caras à etnografia, como distanciamento, aproximação, participação, trocas e partilhas, recalculando, assim, as direções da pesquisa de campo e as trilhas da etnografia na cidade “estando lá”.

Em meados de 2020, criei um perfil pessoal no *Instagram* e comecei, de imediato, a seguir e acompanhar algumas páginas e *hashtags* sobre a Lapa. Logo de cara, me deparei com dezenas de compartilhamentos de fotos de turistas lembrando visitas à Lapa, em que destacavam, predominantemente, os cenários dos Arcos e da Escadaria Selarón⁴, que, nas redes, permaneciam “vivas” na memória de turistas que passaram pela Lapa antes da pandemia.

² Durante os primeiros dois anos da pandemia, foram inúmeros decretos que estabeleciam regras para as atividades comerciais e de lazer, assim como em relação à obrigatoriedade e flexibilização do uso de máscaras em determinados espaços. Os decretos expressavam, além de tensões e negociações nebulosas que se desenrolavam pelo poder público, desdobrando-se, inclusive, em escândalos e denúncias de corrupção ligados à gestão da pandemia, mas também formas diversas de compreensão e assimilação dos decretos e orientações, se eram, afinal, seguidas ou não pela população.

³ Os cursos foram ofertados pelos Programas de Pós-Graduação em Antropologia e Ciências Sociais, respectivamente, da Universidade Federal Fluminense (UFF) e Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). As propostas de abordagens teóricas e metodológicas por meio de uma *introdução às pesquisas em/dos/sobre contextos digitais* e a respeito da *etnografia e netnografia* nas redes, destacaram, sobretudo, exemplos ligados ao cenário da pandemia de Covid-19.

⁴ Ver pesquisa etnográfica realizada por Raquel Martini Corriconde (2012), no PPCIS-UERJ, intitulada “Nas subidas e descidas da Escadaria Selarón”.

Seguindo as trilhas das indicações dessa mesma *rede*, em minha busca inicial a respeito da Lapa, estabeleci os primeiros contatos estreitando diálogos e buscando novas conexões possíveis. Alguns apontamentos puderam ser elaborados analiticamente pelo que fluíram de conversas com um dos moderadores da página *LapaInfo*, voltada à circulação de notícias sobre a vida “lapeana” e à divulgação de atrativos e promoções ligadas aos bares, restaurantes e casas noturnas, que durante os primeiros meses da pandemia estiveram fechados. A página também divulgava, cotidianamente, informações com as taxas gráficas de contágio e de mortes por Covid-19 no Rio de Janeiro, assim como foram feitas campanhas virtuais pela vacinação e críticas à discursos negacionistas com relação ao coronavírus por parte do presidente Jair Bolsonaro.⁵

Em uma conversa *online* com Pablo, administrador da página e ex-morador da Lapa, ele mostrou-se solícito e disposto a contribuir, dizendo que seria uma forma de voltar a estar próximo de algo de que sentia saudades, uma vez que havia retornado para sua antiga morada, em Aracaju/SE. Logo que a pandemia “explodiu”, ele havia voltado a morar com a mãe, assim que foi demitido da rádio em que trabalhava no centro do Rio. Pablo me explicou sobre sua relação com a Lapa, revivendo algumas memórias acerca do período em que morou especificamente na região mais movimentada do bairro, pontualmente no prédio localizado nos altos dos primeiros bares, logo após o cruzar dos Arcos.

As conversas com Pablo me trouxeram percepções sobre uma Lapa como lugar do consumo cultural urbano e abrigo de modos de vida diversos que foram reconfigurados pela pandemia. Os bares e encontros com amigos e amigas revividos em suas memórias se encontram com as minhas percepções anteriores à pandemia acerca da Lapa dos turistas, dos moradores, dos consumidores ou frequentadores passantes, ou ainda dos jovens moradores que vieram a ocupar e compartilhar, por exemplo, o mesmo edifício que habitam velhos moradores. Contudo, para além da Lapa dos encontros e despedidas e dos cardápios e roteiros turísticos que circulavam nas redes, havia uma Lapa, portanto, que não estava *on*.

Caminhando pela avenida Mem de Sá rumo aos Arcos da Lapa, via que abrigara intenso movimento antes do decreto da pandemia, naquele penúltimo sábado de 2020 práticas e usos que se cruzavam pela cidade puderam ser observados e colocados em questão. Os bares,

⁵ Durante toda a pandemia foram amplamente veiculados em meios de comunicação discursos e imagens do presidente Jair Bolsonaro que contrariavam com veemência a ciência, a ética e as recomendações da OMS com relação ao vírus.

restaurantes, casas noturnas e outros estabelecimentos estavam fechados e as ruas, significativamente esvaziadas. Diante dos Arcos, uma movimentação se tornou ponto de reflexões sobre as quais procuro aqui traçar alguns breves apontamentos.

Poucas pessoas circulavam pelas ruas, algumas usando máscaras como medida de proteção seguiam caminhos aleatórios, outras eram vistas entrando e saindo do supermercado e da padaria 24h da Rua Gomes Freire, que naqueles dias fechariam às 21 horas, seguindo o então decreto em vigor. Os pontos de prostituição nos cruzamentos da avenida Mem de Sá com a rua Ubaldino do Amaral ou com a rua dos Inválidos, estavam “funcionando” a meio vapor. Ademais, pessoas em situação de rua eram vistas pulverizadas por toda a extensão da minha caminhada, onde, sob os Arcos, se concentravam em filas que serpenteavam o Largo ou ainda sentados no meio-fio, aguardando a distribuição de alimentos, água, álcool e máscaras por distintas organizações que atuaram ali durante a pandemia.⁶

Certas práticas, que antes misturavam-se à Lapa turística e do radar da especulação imobiliária, pelo caminho traçado em um campo “esvaziado”, ganham relevo por essa mirada sobre a cena urbana pela perspectiva da pandemia. Desses passos, a compreensão da Lapa enquanto um lugar vivo do ponto de vista do referencial que os Arcos abrigam em seus encontros, circulações e redes que se estabelecem, revelava-se o quanto a pandemia era percebida e vivenciada de maneiras distintas.

As desigualdades, as contradições e paradoxos que se estabeleceram e se encontravam na cidade – e que já faziam parte do cotidiano da Lapa –, na pandemia se potencializaram, tornando-se impossíveis de ser “camufladas”. A própria construção da Lapa enquanto um item de consumo e a reinvenção de sua paisagem e afirmação de uma nova ordem urbana, conforme aborda Haydée Caruso (2016), envolve uma série de processos de exclusões, especulações e expectativas sobre a cidade. Por essa perspectiva, a autora elucida o espaço urbano da Lapa aos moldes capitalistas, explorando, estereotipando e comercializando seus patrimônios e algumas de suas características culturais e simbólicas.

Esse espaço contraditório e paradoxal que apresento na pandemia se desenhou de formas diversas e reinventadas. Uma mesma Lapa, palco de intensa circulação e consumo turístico, se revela também pelos novos usos e significados, inclusive, de seus “símbolos identitários”

⁶ Algumas ONGs como *Marmita solidária*, *Gastromotiva*, *Dois pães e um pingado*, *Cozinha solidária*, dentre tantas outras, ao longo da pandemia distribuíam refeições e itens de higiene pela região da Lapa e outros pontos da cidade. Também foi observada a expressiva presença de grupos ligados a diferentes igrejas e religiões atuando na distribuição de alimentos como sopas, pães e marmitas.

patrimoniais, como os Arcos e as representações que os alicerçam. Lugares que podem, aqui, ser entendidos como espaços de (re)orientações e referências plurais que se atualizam e são tecidos no dia a dia da vida urbana.

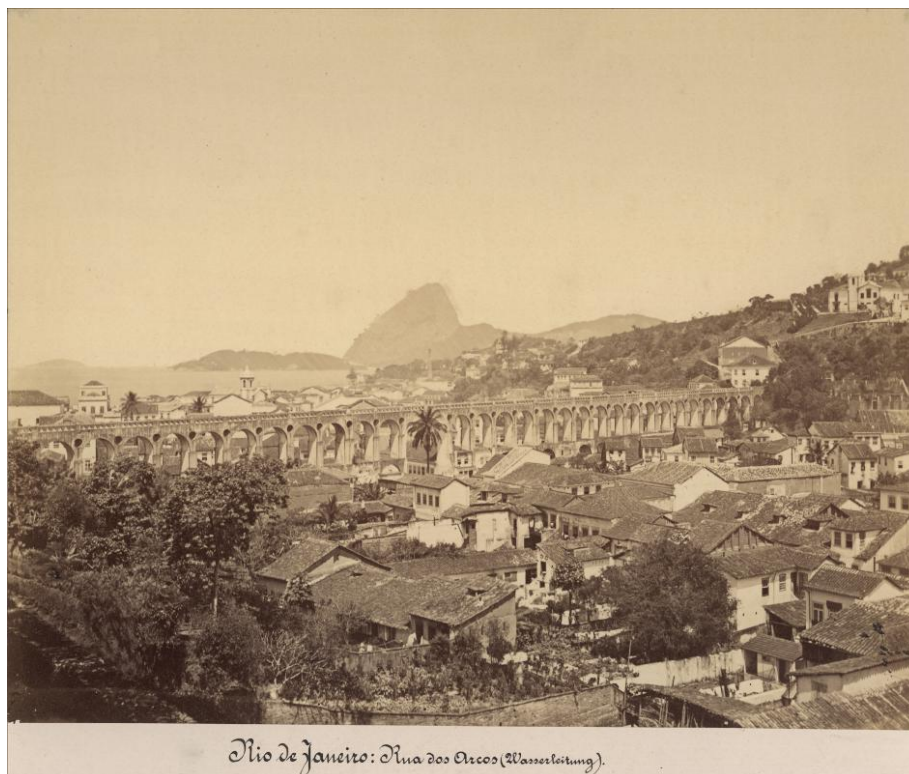
Dentre os percalços e desafios que envolvem a pesquisa em tempos pandêmicos, além das questões práticas, subjetivas e particulares ligadas a esse período, os riscos que, inevitavelmente, atravessam toda pesquisa acadêmica foram tomados como questão central para pensar a caminhada sobre a Lapa. Seja pelo risco ligado a alguma questão ética ou mesmo do iminente contágio pelo coronavírus, a observação e participação, importantes para o contato e a aproximação, mediadas por telas e redes virtuais, máscaras de proteção, isolamento, distanciamento e doses de vacina, trouxeram interações, vínculos e interrogações que evocam questões que muitas vezes passam despercebidas no contato com o que instituímos como o “outro”.

Os Arcos da Lapa como referência

Os imponentes Arcos da Lapa, inaugurados em 1750, são um patrimônio arquitetônico do Rio de Janeiro e um símbolo amplamente midiaticizado em filmes, novelas⁷ e cartões postais que, historicamente, remontam ao período do Brasil imperial. Projetados aos trópicos em estilo romano pelo português José Francisco Pinto Alpoim, os Arcos foram construídos a partir de um aqueduto que existia ali desde 1723, tendo a função de canalizar e distribuir à população a água que vinha do rio Carioca.

⁷ Inúmeras novelas brasileiras trazem os Arcos da Lapa, ainda que de forma estereotipada, como elemento simbólico da cultura urbana do Rio de Janeiro. Durante a pandemia, a novela *Um lugar ao sol*, veiculada pela Rede Globo, trazia imagens dos Arcos nas passagens de cenas e sua trama se concentrava entre os bairros de Santa Teresa e Lapa. Na época, as atrizes Marieta Severo e Andréia Horta, que na trama interpretavam avó e neta que tinham uma ligação com a gastronomia, deram entrevistas relatando as oficinas que acompanharam na ONG *Gastromotiva*, localizada em um galpão na Lapa, onde ao final, as refeições foram distribuídas para as pessoas em situação de rua.

Figura 2: Fotografia dos Arcos da Lapa em 1867.



Fonte: Acervo Brasileira Fotográfica, Instituto Moreira Salles. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/4433>.

A ideia de cidade como um processo histórico que aqui se apresenta, atravessada por seus padrões de arruamentos e lugares de memórias, desenha uma morfologia urbana que caracteriza a Lapa como uma região patrimonial e lugar de contradições e contrastes. No que diz respeito aos Arcos da Lapa, no final do século XIX grandes vias foram abertas voltadas ao deslocamento dos transportes, alterando significativamente seu entorno e as dinâmicas que por esse perímetro se estabeleciam. Dessa forma, os Arcos “sobreviveram” e foram restaurados em sua forma original colonial nos anos de 1960, permanecendo, ainda hoje, como um bem patrimonial de referências plurais e paradoxais para a população (CASCO, 2007).

Do transporte das águas ao dos bondes a partir de 1896, os Arcos abrigaram inúmeras transformações ao longo do tempo, acompanhando arbitrários projetos de ordenamento urbano sobre o espaço da área central do Rio de maneira mais ampla. Os 42 Arcos têm 270 metros de extensão e, devido à sua centralidade, encontram-se rodeados por outros patrimônios, como a Sala Cecília Meireles, a Escola de Música da UFRJ, o Circo Voador e a Fundação Progresso. Os mesmos Arcos, nas narrativas do turismo oficial, tornaram-se cenário referência de personagens históricos que percorreram a Lapa, como Machado de Assis, Heitor Vila Lobos,

Noel Rosa, João do Rio e Madame Satã, que aparecem, aliás, pulverizados pela estética de bares e ruas da Lapa. Suas referências para o turismo evidenciam a projeção nacional e internacional da Lapa a partir também dos seus Arcos e de figuras e representações a eles incorporadas.

Figura 3: Os Arcos e suas personagens em pintura na rua Teotônio Regadas, rua da Escadaria Selarón.



Fonte: Acervo pessoal, 2021.

Uma variedade de estudos urbanos apreende a Lapa por sua atmosfera composta pela multiplicidade, sobreposições, fluxos e sentidos paradoxais sobre essa região. Investigações que percorrem algumas transformações ocorridas em sua estrutura física ao longo do tempo, assim como no que diz respeito às dinâmicas urbanas do cotidiano por suas distintas temporalidades e espacialidades, trazem os Arcos como lugar de referência e orientação do campo pesquisado (SILVA, 1993; CASCO, 2007; HERSCHMANN, 2007; BARTOLY, 2011; GUTERMAN, 2012; FAZZIONI, 2014; SOUZA, 2015).

Em termos históricos, as transformações urbanas ocorridas no cotidiano da Lapa remontam emaranhados processos que envolvem uma série de fronteiras muitas vezes pouco nítidas entre empreendimentos públicos e privados. No que diz respeito a algumas dessas mudanças e reinvenções sobre essa região, destaca-se o período que compreende seu apogeu, durante as décadas de 1920-1940, em que a região representava uma importante centralidade econômica e cultural da cidade do Rio de Janeiro e, com o passar dos anos, seu processo de

decadência e degradação, quando a região tornou-se obsoleta aos investimentos públicos (BARTOLY, 2011; CARUSO, 2016).

A construção de imóveis, que crescia de forma desordenada, fez emergir casarões, cortiços e outras formas de abrigo e usos da cidade que, mesmo em ruínas, se encontram presentes na Lapa até os dias de hoje. Nessa paisagem urbana em transformação, no lugar em que encontramos o Largo da Lapa, vão livre que se estende à frente dos Arcos e abrigo da cena narrada acima, localizava-se a lagoa do Boqueirão. Na mira de seletivos projetos sanitaristas e urbanísticos, a lagoa foi aterrada com terras vindas dos arredores do “extinto” Morro das Mangueiras, que se localizava nos arredores. A partir disso, por exemplo, foram abertas ruas e caminhos rumo à zona sul e oeste, e algumas das casas que se encontravam totalmente escoradas nos Arcos, com o passar do tempo, aos poucos, foram sendo demolidas, dando passagem a uma nova estética urbana (BARTOLY, 2011; CASCO, 2007).

A presença dos Arcos e de outros símbolos “lapeanos” em músicas, poesias, filmes e cartões postais se mistura a uma Lapa aqui pensada como referência coletiva ambivalente e plural para seus usuários e usuárias. A “redescoberta” da Lapa a partir dos anos 2000 pelas dinâmicas e empreendimentos do turismo e do mercado imobiliário, sendo reconfigurada por processos de revitalizações, requalificações e restaurações, baseou-se amplamente em uma identidade patrimonial que incluía os Arcos e outros símbolos que constituem sua atmosfera e suas representações, como o samba, a boemia e a malandragem (HERSCHMANN 2007; GUTERMAN, 2012; SOUZA, 2015).

Os Arcos aqui tomados como referência suscitam questões que trazem, inevitavelmente, a categoria patrimônio com sua carga cultural e política. O que se evoca pode ser estendido aos debates relativos às políticas públicas ou ainda ao cotidiano de múltiplos segmentos sociais, como aponta José Reginaldo Santos Gonçalves (2015), refletindo acerca do processo de expansão dos divergentes olhares sobre os patrimônios no mundo contemporâneo. Como desdobramentos dessas elucubrações que abarcam a produção da memória em seus sentidos individuais e coletivos, pode-se ressaltar um pertinente ponto a respeito dos paradoxos que sustentam essa reflexão, tais como preservação e destruição, velho e novo, vida e morte.

Nesse sentido, apresenta-se uma ideia dos Arcos pelos seus significados e lugar de referências, encontros e (re)orientações, como visto, por exemplo, na dinâmica e organização de redes de distribuições durante a pandemia. Um patrimônio em permanente transformação e vivo nos processos de ressignificações com relação aos usos do espaço urbano e suas expressões

desiguais, nos mostrando, como nos lembra Reginaldo Gonçalves em diálogo com Walter Benjamin, que todo documento da civilização, paradoxalmente, pode ser também convertido em um símbolo da barbárie.

O quiosque de flores e o *Bar das Quengas* durante a pandemia

Com a disseminação geográfica e o decreto emitido pela Organização Mundial de Saúde (OMS), elevando a circulação do coronavírus ao grau de pandemia em 11 de março de 2020, logo de imediato a Lapa se recolheu. No dia seguinte, muitos estabelecimentos já haviam fechado as portas e o trânsito de automóveis e pedestres nas ruas foi expressivamente reduzido. A avenida Mem de Sá, curiosamente silenciosa, percebida do alto da minha janela, mostrava uma Lapa jamais vista e imaginada em plena quinta-feira.

O novo som das ruas parecia não fazer sentido sem o dissonante e vibrátil barulho dos carros, motos e ônibus, que se misturavam, em intenso e veloz fluxo, aos diferentes ritmos de músicas que ecoavam das rodas de samba, festas e karaokês. Ao longo do período investigado, entre normas, decretos e flexibilizações, as idas e vindas das atividades comerciais na Lapa foram dando o tom de seus movimentos e pontos de retorno.

Destaco aqui o cruzamento entre a Mem de Sá com a Ubaldino do Amaral, tão movimentado antes da pandemia. Visto de casa e por meio de algumas saídas estratégicas, essa encruzilhada literalmente esteve entregue aos ratos e à baixa circulação de pessoas. A lanchonete Mamão com açúcar, o Bar das Quengas e o quiosque de flores da D. Maria ficaram meses fechados, assim como todos os outros estabelecimentos que os circundam (Pizzaria Gambino, Bar Beco da Noite, Fito Restaurante e pequenas lojas de filtros, ferramentas e ferragens). Com isso, esses tradicionais pontos da Lapa tornaram-se vias de reflexão por meio de *insights* que surgiram de uma observação que considerou substancialmente seus vazios e o que eles poderiam refletir.

Enquanto a Lapa se via sem os turistas, alguns estabelecimentos que “sobreviveram” à crise econômica intensificada e desdobrada pela pandemia foram, por exemplo, repaginados com reformas e novas decorações, vislumbrando a reabertura e o retorno do movimento. Foi o caso do Bar das Quengas, que aumentou sua fachada luminosa com a grande boca marcada em batom vermelho, trocou os ladrilhos dos revestimentos do balcão e as tradicionais calcinhas e

sutiãs vermelhos e pretos que decoram o teto e as janelas do bar, ilustrando as fotos dos fregueses que alimentam a Lapa representada *online* nas redes sociais.

Atravessando a rua, na outra esquina, D. Maria, dona do quiosque de flores que funcionou algumas vezes “à meia porta” no curso da pandemia e na medida das flexibilizações, comentava sobre a reforma do Bar das Quengas e de sua estranheza em vê-lo vazio. Seu quiosque se encontra naquela mesma esquina há quase vinte anos,⁸ e foi de onde acompanhou e vivenciou as transformações da Lapa. Dona Maria aponta para as próprias mudanças no vizinho Bar das Quengas, que hoje, em uma atmosfera *hype*⁹ e gourmetizada, vendendo diversos tipos de cervejas, drinques e refeições, remonta a um imaginário da Lapa dos cabarés presente em algumas representações estereotipadas sobre a região que, curiosamente no caso do bar, não abriga as referenciadas quengas.¹⁰

Figura 4: Dona Maria e seu quiosque de flores.



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

⁸ Conforme narra dona Maria, somando o período em que trabalhou na floricultura *Roseira de Fátima*, que se localizava na rua Riachuelo, com os quase vinte anos no atual quiosque, conta “cinquenta e sete anos de Lapa com as flores”.

⁹ O termo pode ser pensado aqui para se referir a lugares “descolados” ou que estejam “na moda”, indicando formas de usos estratégicos e voltados a determinados públicos, evidenciando, assim, uma ideia de cidade-produto envolvida pelas tendências das demandas do consumo urbano legitimado pela criação de um estilo de vida e consumo específico da cidade.

¹⁰ Termo êmico que se refere ao exercício e à prática da prostituição.

Foi com D. Maria que passei significativa parte da pesquisa, seja no período anterior à pandemia ou nos encontros a partir das flexibilizações com o avançar da vacinação contra a Covid-19. Também em sua companhia ouvi as mais detalhadas histórias sobre a Lapa e o que, para ela, significa seu quiosque e suas flores. O pequeno quiosque, com janelas de vidro, estrutura metalizada e teto vermelho, guardava diferentes espécies de flores e plantas que eram vendidas somente em dinheiro vivo. Na realidade, para alguns selecionados e dependendo do grau de familiaridade, poderia ser pago em outro momento, necessitando da anotação da dívida em um pequeno caderno que dona Maria sempre carrega em sua bolsa. Em tempos cada vez mais desigualmente globalizados, onde as compras são mediadas por cartões de crédito, débito e *pix*, sobretudo em uma Lapa turística totalmente alicerçada pelo consumo urbano, no quiosque das flores aponta-se para outros caminhos e formas de pensar os negócios.

No pêndulo das flexibilizações das atividades comerciais na Lapa ao longo do curso da pandemia, como dito anteriormente, o quiosque esteve aberto em alguns momentos pontuais, quando as flores e plantas não chegavam exatamente a ser organizadas na calçada ao redor, decorando e colorindo a passagem como diariamente acontecia. Dona Maria me conta que, mesmo com a Lapa vazia e o comércio fechado e em falência, uma funerária, no mesmo quarteirão, abriria a alguns metros de onde estávamos, o que, pela sua lógica, movimentaria a venda de suas flores.¹¹

Com o desolador percurso da pandemia, o veloz avanço do número de mortes e hospitais em colapso, de fato a funerária Santa Casa foi inaugurada próximo a uma outra, que havia iniciado suas atividades alguns meses antes. Uma delas, em tom roxo e vidros da fachada em aspecto turvo, do que se pôde observar de forma embaçada, notava-se o movimento do que acontecia em seu interior e as novas atividades emergentes pela região. Do ponto de vista da rua, naquele perímetro com o novo fluxo dos carros funerários e da abertura daquele empreendimento, a Lapa que se apresentava parecia destoar do que era possível ser visto logo na próxima esquina. A coexistência e o encontro de Lapas que carregam sentidos e significados tão amplos e diversos ilustram aspectos da ideia de cidade que se mostra em minha pesquisa de campo e que aqui busco apresentar.

Inúmeras lacunas seguem abertas ao olhar sobre a Lapa sobre a qual venho me debruçando, assim como novos questionamentos permanecem emergindo de acordo com o

¹¹ Inclusive, como pontuou dona Maria, por esse período pandêmico a venda de flores voltadas aos enterros e velórios foi o que manteve o movimento no quiosque.

atual curso da pandemia no espaço urbano, que trazem, portanto, percepções sobre o processo de “retomada da vida urbana”. Como se desenvolvem tais interações e vínculos, seja no quiosque, nas ruas, nos bares ou mesmo nas funerárias, assim como o que flui por dentro das relações que se estabelecem nesses distintos espaços que compõem a Lapa, são passos que vão sendo elaborados na medida em que novos encontros e aproximações se tornam possíveis.

Considerações finais

O que se apresenta neste artigo narrado por meio de fragmentos deriva da observação e participação no cotidiano atual da Lapa, bairro central do Rio de Janeiro, atravessado pelos impactos da pandemia de Covid-19 assim como a cidade em uma perspectiva mais ampla. As transformações no cotidiano que se tornaram visíveis foram elaboradas entre períodos de quarentena e isolamento social, assim como a partir de percepções “estratégicas” de meu movimento e reduzida circulação pelo bairro enquanto morador e frequentador.

Desse exercício etnográfico, considerando as mudanças na rota da pesquisa devido às prescrições necessárias como medidas de proteção e contenção da circulação do vírus, buscou-se lançar luz sobre um debate capaz de suscitar apontamentos acerca dos usos e significados sobre a cidade e das ambivalentes formas de vivenciá-la em tempos pandêmicos. Abre-se, com isso, um olhar acerca dos impactos e transformações na vida cidadina em espaços atravessados pelo consumo urbano e fortemente envolvidos pelas dinâmicas do turismo e por uma série de desigualdades e paradoxos que foram potencializados neste período.

No caso aqui apresentado, foi possível notar fragmentos de dinâmicas urbanas que nos mostram que na Lapa, ainda que esvaziada e recolhida, movimentações e circulações que reinventam e reorientam a cidade se mantiveram vivas e se multiplicaram. A presença de redes de distribuição de alimentos e itens de proteção contra o coronavírus às pessoas em situação de rua que vivem a Lapa coloca em relevo, por exemplo, pontos abordados nas reflexões que atualizam os usos e significados da noção de referência e sentido patrimonial. Diversas Lapas se escrevem sobre esse espaço cotidiano, coexistindo e abrigando percepções múltiplas e vacilantes, no plano individual ou coletivo, a respeito da pandemia, dos usos dos espaços urbanos e dos sentidos atribuídos aos patrimônios.

Referências

BARTOLY, Flavio Sampaio. Da Lapa boêmia à Lapa reificada como lugar do espetáculo: uma análise de dois períodos da história da produção do lugar na cidade do Rio de Janeiro. In: *Revista Geográfica de América Central* – Edição especial EGAN, Costa Rica, 2011.

BEIGUELMAN, Giselle. *Coronavida: pandemia, cidade e cultura urbana*, São Paulo: ECidade, Outras Palavras, v. 8, 2020.

CARRICONDE, Raquel Martini. *Nas subidas e descidas da Escadaria Selarón, Lapa/RJ*. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – PPCIS/UERJ, 2012. [Dissertação]. Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

CARUSO, Haydée. *Entre ruas, becos e esquinas: a construção da ordem na Lapa carioca*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2016.

CASCO, Ana C. *O Arco das Lapas: um estudo de antropologia urbana*. Tese de doutorado em Antropologia. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – PPGAS, Museu Nacional da UFRJ, 2007.

CASTELLS, Alicia Norma Gonzáles de. *Revitalizações urbanas da Ilha da Magia (Florianópolis)*. In: CASTELLS, A. N. G. de; SANTOS, J. L. da C. (Orgs.). *Patrimônio cultural e seus campos*. Florianópolis, SC: Ed. da UFSC, 2014.

CASTELLS, Alicia Norma Gonzáles de. *Reabilitações urbanas na cidade contemporânea: entre as formas de fazer a cidade e as formas de fazer na cidade*. In: CASTELLS, A. N. G. de; NARDI, L. (Orgs.). *Patrimônio cultural e cidade contemporânea*. Florianópolis, SC: Editora da UFSC, 2012.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2014.

FAZZIONI, Natália Helou. Entre a rua e o bairro: etnografia de um espaço em movimento. In: *Revista Iluminuras*, v. 16, n. 36, Porto Alegre, 2014, p. 287-307.

FLEURY, Sônia; MENEZES, Palloma. Pandemia nas favelas: entre carências e potências. In: *Saúde Debate*, v. 44, n. Especial 4, p. 267-280, 2020.

GONÇALVES, José R. S. O mal-estar no patrimônio: identidade, tempo e destruição. In: *Estudos históricos*, v. 28, n. 55, Rio de Janeiro, 2015, p. 211-228.

GUTERMAN, Bruna da Cunha. *Cidade-produto, bairro-marca: como a Lapa está se tornando o mais carioca dos bairros*. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, 2012.

HERSCHMANN, Micael. *Lapa, cidade da música: desafios para o conhecimento do Rio de Janeiro e da indústria da música independente nacional*. Rio de Janeiro/RJ. Editora Mauad X, 2007.

PONTES, Diego. Nos ritmos das Lapas: passos de uma etnografia de rua. In: *Revista Iluminuras*. v. 22, n. 58. Porto Alegre-RS, 2021, p. 287-308.

SEGATA, Jean [et al.]. A Covid-19 e suas múltiplas pandemias. *Horizontes Antropológicos*. n. 59, 2021, p. 7-25.

SILVA, Hélio R. S. *Travesti: a invenção do feminino*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: ISER, 1993. A situação etnográfica: andar e ver. In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 15, n. 32, 2009, p. 171-188.

SOUZA, André Felix de. Lapa: da sociabilidade na cidade para a sociabilidade da cidade. In: *Espaço Aberto*, PPGG - UFRJ, v. 5, n. 2, p. 61-78, 2015.

SPERANZA, Fernando. A cidade ex-habitada. Espaço-tempo em tempos de pandemia. In: *Cadernos PROARQ – UFRJ*, Rio de Janeiro, n. 35, 2020.

VIANA, Lucio Hanai Valeriano. A ideologia na produção do espaço: os megaeventos como agentes difusores da ideologia neoliberal. In: *Cadernos Metrópole*, v. 21, n. 44, São Paulo, 2019, p. 79-97.

Recebido em 01 de outubro de 2022 | Aceito em 07 de outubro de 2022



Esta obra está licenciada
conforme Creative Commons
Atribuição 4.0 Internacional